



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – ARTES VISUAIS E
MÚSICA

RONES JOSE DE SOUZA

SABERES TRADICIONAIS PRESENTES NO CULTIVO DA MANDIOCA E
PRODUÇÃO DA FARINHA (DISTRITO PRATA - MONTE ALEGRE - GO)

Arraias -TO
2022

Rones Jose de Souza

Saberes tradicionais presentes no cultivo da mandioca e produção da farinha (Distrito Prata - Monte Alegre - GO)

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S729s Souza, Rones Jose de.
Saberes tradicionais presentes no cultivo da mandioca e produção da
farinha (Distrito Prata - Monte Alegre - GO). / Rones Jose de Souza. – Arraias,
TO, 2022.
45 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2022.

Orientador: Gilberto Paulino de Araújo

1. Saberes Tradicionais. 2. Educação do Campo. 3. Etnociência. 4. Distrito
da Prata. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**


Rones Jose de Souza

Saberes tradicionais presentes no cultivo da mandioca e produção da farinha (Distrito Prata - Monte Alegre - GO)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins/ Campus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Defendida e aprovada em: 08 de junho de 2022.

Banca examinadora formada pelos professores:

Documento assinado digitalmente
 GILBERTO PAULINO DE ARAUJO
Data: 23/08/2022 20:07:17-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo – UFT
Orientador

Profa. Dra. Sílvia Adriane Tavares de Moura - UFT
Avaliadora

Profa. Especialista Iolanda Rodrigues Cadete – UNB
Avaliadora

Aos meus dois filhos: Thalison e Thâmilla.
Aos meus pais e irmãos e a todos que
participaram dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Iniciarei agradecendo a Deus por tudo que tem proporcionado em minha vida, em especial minha família, Thalison e Thâmilla, meus pais e irmãos que sempre estiveram ao meu lado nos momentos alegres e difíceis. Agradeço por ter a oportunidade de estar ao lado de pessoas com culturas diferenciadas uma das outras, aprendendo e adquirindo experiência com todos. Além do privilégio de ter professores capacitados em diferentes áreas de formação.

Agradeço imensamente ao meu orientador, professor Gilberto Paulino de Araújo, docente de grande valia para a minha formação no curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música (UFT/Arraias – TO).

Agradeço também a todos os meus professores, que me ajudaram a concluir essa jornada acadêmica. Aos meus colegas de curso, em especial, Delmária e Débora Santana, que estiveram sempre ao meu lado quando precisei. Ao meu primo Maike, que desde o início do curso me ajudou a superar algumas dificuldades encontradas. Enfim, a todos que, de alguma maneira, contribuíram nessa minha caminhada. Muito obrigado!

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida”. John Dewey

“Numa sociedade com base no conhecimento, por definição é necessário que você seja estudante a vida toda”. Tom Peters

“Se farinha fosse americana, mandioca importada banquete de bacana era farinhada”. Juraildes da Cruz

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo descrever os saberes tradicionais presentes no cultivo da mandioca e produção da farinha, tendo como contexto a comunidade do Prata, pertencente ao município de Monte Alegre de Goiás. A fundamentação teórica é a Educação do Campo (enquanto área do conhecimento) e as Etnociências em diálogo com os saberes tradicionais dos agricultores do território em pauta. A abordagem metodológica da pesquisa é de caráter qualitativo, resultando do trabalho etnográfico (vivência e investigação por parte do pesquisador em sua própria comunidade). A geração de dados ocorreu por meio das observações, entrevistas e registro fotográfico. Como resultado, observamos que os saberes tradicionais integram a cultura local e são fundamentais para a manutenção da vida, a exemplo do cultivo e da produção do próprio alimento que sustenta as famílias do campo.

Palavras-chave: Saberes Tradicionais. Educação do Campo. Etnociência.

ABSTRACT

The present research aims to describe the traditional knowledge present in the cultivation of cassava and flour production. The study was carried out in the Prata community (Monte Alegre de Goiás – Brazil). The theoretical foundation is Rural Education and Ethnoscience in dialogue with the traditional knowledge of farmers in the investigated territory. The methodology is qualitative. The approach is ethnography (experience and investigation by the researcher in his/her community). Research data were collected through observations, interviews and photographic records. We observed that traditional knowledge integrates the local culture and is fundamental for the maintenance of life. For example, the cultivation and production of food that sustains rural families.

Key words: Traditional Knowledge. Rural Education. Ethnoscience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Roça de mandioca do senhor Arlindo.....	29
Figura 2 – Trabalho em família	30
Figura 3 – Tipiti	33
Figura 4 – Prensa	34
Figura 5 – Massa seca da mandioca	35
Figura 6 – Torração da farinha	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Informações sobre o plantio da mandioca em roça ou em quintais das famílias (colaboradores).....	25
Quadro 2 - Síntese das características/variedades de mandioca produzidas no Distrito Prata	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Objetivo geral	12
1.2	Objetivos específicos	12
1.3	Justificativa	12
1.4	Memorial	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1	Educação do Campo	16
2.2	Etnociência	18
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
4	ANÁLISE	25
4.1	Plantio de mandioca	25
4.2	Produção de farinha	32
4.3	Mudanças em curso	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICES	44

1 INTRODUÇÃO

Os estudos e pesquisas sobre os saberes tradicionais têm apresentado grande avanço nas últimas décadas, estabelecendo o diálogo com várias áreas do conhecimento científico (ARAÚJO, 2014).

Para fins dessa monografia, importam os saberes dos pequenos produtores rurais ou agricultores familiares, que são detentores de um conhecimento indispensável para a sobrevivência das comunidades: o plantio e a colheita do próprio alimento que sustenta suas famílias.

Dentre os processos da produção agrícola, temos então o cultivo da mandioca, resultando na produção da farinha (e outros produtos como o polvilho). Esse conhecimento, mesmo passando por desafios, tem se mantido por meio do fazer diário presente em diversas comunidades do campo, a exemplo do Distrito Prata (Monte Alegre de Goiás).

Nesse contexto, foi possível acompanhar o cultivo e a produção da farinha como resultado de um trabalho que envolve os saberes passados de uma geração para outra. Este é um processo repleto de aprendizagens, uma prática que necessita de dedicação e cuidado ao longo da trajetória de vida de muitas pessoas.

Consideramos pertinente o estudo da temática apresentada, tendo em vista que os saberes tradicionais integram as pautas defendidas pela educação do campo, principalmente pelo fato de a agricultura familiar ser um espaço de luta e resistência pela preservação da cultura e meio ambiente em que vivem os povos do campo.

Com essa visão, os movimentos sociais lutam pela educação do campo, pois a educação é o principal elemento transformador da sociedade, auxiliadora para a compreensão da realidade, instrutora no processo de formação da aprendizagem e ajuda a população a conhecer seus direitos como cidadão. A educação é a peça fundamental para a superação das desigualdades sociais e políticas.

Assim, faz-se necessário que projetos de pesquisa e pedagógicos direcionados à educação dos povos do campo considerem a realidade e as especificidades do meio rural, de maneira emancipatória, humanista e sustentável.

A educação como política pública é fundamental para o campesinato. Esta dimensão territorial é espaço essencial para o desenvolvimento de seus territórios. Embora a Educação do Campo ainda seja incipiente, está sendo pensada e praticada na amplitude que a multidimensionalidade territorial exige. Desde a formação técnica e tecnológica para os processos produtivos, até a formação nos diversos níveis educacionais, do fundamental ao superior para a prática da cidadania. (FERNANDES, 2006, p.30).

Dessa forma, a luta dos movimentos sociais, dentre eles o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), foi fundamental para as políticas públicas voltadas aos povos do campo, a exemplo dos cursos de Licenciaturas em Educação do Campo presentes em várias universidades do país (MOLINA, 2017).

Como ressalta a autora, ainda permanece a luta pelo direito à terra, a busca por melhorias nas condições de vida para as comunidades rurais (saúde, educação, segurança, trabalho, saneamento básico, estradas etc.).

É nesse contexto que a educação do campo tem integrado os bens culturais, comportamentos e habilidades construídas e consolidadas ao longo da história das comunidades tradicionais com os conhecimentos científicos da academia. Isso é importante para que sejam valorizados e reconhecidos os saberes presentes nas comunidades do campo.

A partir disso, surgiu o seguinte problema de pesquisa: Quais os saberes tradicionais presentes no cultivo da mandioca e produção da farinha na comunidade do Prata (técnicas empregadas, modo de organização, participantes etc.)?

Desse modo, seguem os objetivos que compõem esta monografia:

1.1 Objetivo geral

Descrever os saberes tradicionais presentes no cultivo da mandioca e produção da farinha, tendo como contexto a comunidade do Prata, pertencente ao município de Monte Alegre de Goiás.

1.2 Objetivos específicos

- Identificar os conhecimentos e as práticas envolvidos no cultivo da mandioca pelos agricultores da região estudada.
- Descrever o modo de organização (manejo) e a prática presentes no cultivo da mandioca no Distrito do Prata.
- Compreender como ocorre o processo da torração da farinha e a habilidade do “profissional farinheiro”.

1.3 Justificativa

O interesse por essa temática surge após o meu orientador compartilhar materiais

didáticos, relatando sobre os saberes tradicionais das populações que permanecem nas áreas rurais, sobre a estrutura e os modos de vida de pessoas simples, mas com conhecimentos úteis para suas tarefas, uma rica cultura e valores colhidos da terra.

Durante a leitura, observava e me questionava sobre a relação entre o conhecimento e a prática das atividades realizadas por essas famílias no dia a dia. Relacionei essa temática com as experiências vivenciadas na minha trajetória de vida, até o momento de hoje, principalmente em relação às experiências adquiridas pelo convívio ao lado dos meus pais que são trabalhadores rurais do Distrito Prata (Monte Alegre de Goiás).

A partir desse contexto e da minha convivência como trabalhador rural, surgiu o questionamento sobre o que de fato aproveitamos das orientações que recebemos dos profissionais das áreas rurais, ou seja, os benefícios desses saberes que constituem a nossa formação e o conhecimento adquirido ao longo das nossas atividades, nas ações do trabalho na roça.

Com essas observações realizadas, me interessei por melhor compreender esse sistema que envolve o processo e as práticas dos saberes tradicionais, assim como a sua relação com o conhecimento científico. Como referência básica e que me serviu de inspiração de aprendizagem sobre como as pessoas do campo devem valorizar seus aprendizados passados de geração a geração, destaco o questionamento de Costa (2008,

p. 167): “[...] que significado maior pode ter um conteúdo para uma determinada comunidade do que o próprio conjunto de crenças e folclores que a sua cultura popular traz?”.

Assim, espero que esse estudo ajude a compreender a prática dos saberes tradicionais presentes no cultivo da mandioca e produção da farinha a partir das experiências da minha comunidade, do manejo das técnicas que se transformam em alimentos de diversas qualidades para nossas famílias.

1.4 Memorial

Meu nome é Rones José de Souza, sou filho de Marinho José de Souza e Luiza José Cardoso de Souza. Somos seis irmãos, e sou o mais velho. Tenho dois filhos, o Thalison e a Thâmilla.

Somos uma família simples, filhos de agricultores. Cresci vivenciando todo o manejo e a prática da agricultura relacionada ao trabalho na roça. Meus pais criaram os seis filhos trabalhando na agricultura, lutando de sol a sol, debaixo de chuva, no cabo da enxada, cultivando a terra para produzir o alimento e sustentar a família.

Morávamos em uma pequena casa de *adobo*, onde tudo nessa vida era dividido entre nós. Dormíamos de dois a três em uma mesma cama num só quarto. Não tínhamos água encanada, buscávamos no rio a uma distância de uns 300 metros, carregando um balde ou tambor na cabeça para matar a nossa sede e dos animais que criávamos e também para o uso do trabalho do dia a dia.

O trabalho era dividido entre os irmãos, uns tratavam dos porcos e outros das galinhas. Se estudássemos cedo, no período da tarde iríamos para a roça. As nossas brincadeiras sempre eram à boca da noite e nos finais de semana.

Hoje tenho 46 anos de vida, desde os 12 anos trabalho na roça, ajudando meus pais, que nunca tiveram a oportunidade de estudar, pois na época meus avós não tinham como dar a eles o suporte no estudo, somente o trabalho, que era fundamental para a sobrevivência. Mas essa visão graças a Deus foi mudando e meus pais, mesmo com todas as dificuldades encontradas, sempre nos direcionaram a aprendizagem para termos um futuro melhor.

Nesse contexto de mundo, sempre fui esforçado nos meus afazeres, buscando desenvolver o melhor possível para progredir na vida. Devido às dificuldades encontradas, não terminei o ensino médio no tempo previsto, ou seja, conclui já na idade adulta. Isso por que onde morávamos somente tinha aula até o ensino fundamental, assim éramos obrigados a deslocar para a cidade vizinha para ingressar no ensino médio. Porém, nós não tínhamos condições e assim os anos foram passando e os estudos ficando em segundo plano.

Quando o ensino médio se estabeleceu na nossa região eu já era pai de família, assim ficou mais difícil terminar os estudos, pois precisava trabalhar o dia todo na roça ou em fazendas próximas para trazer o sustento para casa. Minha vida foi sendo então vivenciada no traquejo da agricultura, trabalhando de sol a sol para sustentar a família.

No final de 2012, após sofrer com dores lombares durante alguns anos, fui submetido a uma bateria de exames, sendo diagnosticado com hérnia de disco na coluna. Assim fui obrigado a fazer uma cirurgia e com esse procedimento tive que me afastar do trabalho da roça.

Tendo em vista que o tempo de recuperação após a cirurgia foi longo e me sentindo muito preso dentro de casa, retornei à escola depois de 15 anos. Assim terminei o ensino médio ao lado de colegas jovens que poderiam ser meus filhos.

Com o diploma do ensino médio em mãos, veio a oportunidade de ingressar no ensino superior, despertando o interesse de progredir nos estudos. Após uma conversa com uma amiga, ela me falou sobre a inscrição da Educação do Campo, em Artes Visuais e Música. Então fiz minha inscrição, mas não conseguir passar no vestibular no primeiro momento.

Como diz o ditado, tudo nessa vida tem o tempo certo. No semestre seguinte, novas inscrições foram abertas e, dessa vez, com a graça de Deus e a minha persistência, fui aprovado no vestibular.

Em 2017, ingressei na Universidade Federal do Tocantins, no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, tendo como objetivo aprender para além das disciplinas ministradas pelos excelentes professores. Vivenciei também novas culturas, novos aprendizados que somente a Educação do Campo pode transmitir aos seus alunos com as múltiplas identidades e culturas dos povos do campo, que lutam pelos seus direitos territoriais e pelo desenvolvimento de uma agricultura emancipadora das famílias.

E dentro da Universidade Federal do Tocantins, observei que ela nos norteia e abre novos horizontes do conhecimento, como se encontra no seu Estatuto do ano de 2015, por exemplo:

- Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.
- Formar profissionais nas diferentes áreas do conhecimento, aptos à inserção em setores profissionais e a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, colaborando na sua formação contínua.
- Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da criação e difusão da cultura, desenvolvendo-se, desse modo, o entendimento do homem e do meio em que vive.

É nesse contexto de vida que vale a pena lutar por nossos objetivos, vale a pena correr atrás dos sonhos. Mesmo após a idade adulta, não podemos deixar de acreditar no horizonte que Deus deixou para todos nós. Basta termos um pouquinho de coragem e sabedoria para demonstrar o valor do aprendizado contínuo, pois só quem tem o privilégio da conquista sabe que a luta não foi em vão e o aprendizado conquistado ninguém poderá tirar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação do Campo

Nesse capítulo descrevemos os elementos que constituem a educação do campo, alguns aspectos da realidade ou o modo como vivem os povos dos campos, dentre as demandas e lutas pelos direitos sociais, culturais, tradições populares presentes nos territórios rurais.

A educação do campo, durante o seu processo histórico, levanta a bandeira de luta para mudar o cenário de precariedade que caracterizou e, infelizmente, ainda se encontra presente em muitas comunidades camponesas. Por meio de mobilizações, mutirões e reivindicações da sociedade civil, este movimento tomou corpo nas escolas e universidades, criando projetos pedagógicos que respeitem e valorizem as especificidades do campo.

A Educação do campo surgiu em um determinado momento e contexto histórico e não pode ser compreendida em si mesma, ou apenas desde o mundo da educação ou desde os parâmetros teóricos da pedagogia. Ela é um movimento real de combate ao 'atual estado de coisas': movimento prático, de objetivos ou fins práticos, de ferramentas práticas, que expressa e produz concepções teóricas, críticas a determinadas visões de educação, de política de educação, de projetos de campo e de país, mas que são interpretações da realidade construídas em vista de orientar ações/lutas concretas. (CALDART, 2009, p.40).

O vínculo da educação do campo é com o camponês, com o território rural, com o trabalhador sem-terra, com os movimentos e organizações sociais. Dentre os seus princípios, temos a busca pela garantia de direitos dos cidadãos do campo, que historicamente sofreram o contexto de exclusão histórica que cerca o território rural.

Isso quer dizer que a luta vai além do acesso à educação, mas que sejam políticas públicas que levem em consideração a realidade dos acampamentos e assentamentos, dos quilombos, aldeias indígenas, dos ribeirinhos, povos das florestas etc.

Parece, aliás, que essa relação da educação do campo com a escola incomoda a alguns: nasceu lutando por escolas e escolas públicas (através do MST fazendo a luta por escolas nos acampamentos e assentamentos), continua centrada nisso, e ao mesmo tempo nasceu, desde a radicalidade da Pedagogia dos Movimentos Sociais, afirmando que educação é mais do que escola..., vinculando-se a lutas sociais por uma humanização mais plena: luta pela terra, pelo trabalho, pela desalienação do trabalho, a favor da democratização do acesso à cultura e à sua produção, pela participação política, pela defesa do meio ambiente. (CALDART, 2009, p. 43).

Por isso podemos notar nas abordagens sobre o movimento de educação do campo

uma característica muito específica e de destaque que é o fato desta ser constituída por movimentos e organizações sociais sólidas, que se mobilizam em prol das demandas camponesas, que assumem os embates por uma educação própria aos povos do campo.

No livro *Por uma educação do campo: campo, políticas públicas e educação*, Caldart (2002 apud MICHELOTTI, 2008, p.60), nos diz que “[...] a educação do campo não se restringe à educação formal e à escola, embora esta tem sido um elemento marcante na luta deste movimento, pois nega o descaso com as escolas do campo e permite a construção de projeto educativo que dialogue com a realidade mais ampla onde ela está inserida”.

Percebemos novamente, nas palavras dos autores, que a educação do campo surge dos movimentos sociais, principalmente aqueles que buscam a construção de uma sociedade mais justa e sustentável, que dê condições para o trabalhador manter o seu vínculo com a terra, isto é, melhores condições de vida no território camponês.

O próprio termo “educação do campo” foi construindo ao longo desse processo em que os movimentos demandavam, além de acesso, permanência e continuidade nas sucessivas etapas da educação, a implantação de uma “educação diferenciada” que pudesse efetivamente se constituir contextualização no bojo dos repertórios culturais e das formas de viver e de lutar dos povos do campo. (SANTOS, 2015, p. 2).

Assim, podemos entender a educação do campo como uma ação pedagógica necessária para a valorização das especificidades encontradas nos espaços camponeses. Como nos mostra o autor, ela é mais que uma crítica à ação formativa que acontece de modo homogêneo no país, a educação do campo se torna porta voz das minorias.

Nesse sentido, o sistema educativo do Brasil sempre esteve ligado aos interesses do capital, deixando uma parte considerável de cidadãos excluídos desse sistema, especialmente a população do campo. E se considerarmos os esforços dos governos, observaremos que os modelos de educação dos grandes centros urbanos foi o que prevaleceu, inclusive nas áreas rurais.

A superação da educação rural vista apenas como uma formação voltada para uma inserção dos sujeitos do campo no mundo do trabalho de forma subordinada aos interesses do capital e a recente concepção de educação do campo foram constituídas por uma longa trajetória de lutas e discussões no interior dos movimentos sociais, das entidades, representações civis, sociais e sujeitos do campo. (SANTOS, 2015, p. 8).

Dessa maneira, as referências culturais do campo são fundamentais para a construção de uma escola que promova a aprendizagem dos conteúdos da educação formal e dos conhecimentos científicos sem que se desconsidere ou desqualifique o modo próprio de vida e

os saberes das populações camponesas.

Como afirma Santos (2015, p. 7), “[...] o homem do campo e a mulher do campo, nesse contexto, são sujeitos historicamente construídos a partir de determinadas sínteses sociais específicas e com dimensões diferenciadas em relação aos grandes centros urbanos”.

Dessa forma, o campo é mais que uma demarcação territorial, pois as tradições, religiosidade, trabalho na terra, interação com o meio ambiente, consumos alimentares etc. fazem parte do campo e não se pode pensar separadamente, pois cada um desses elementos é complementado pelo outro.

Assim, a educação do campo não desvincula os conhecimentos escolares do conjunto de atividades que integram, direta ou indiretamente, o processo produtivo ou as formas das famílias se sustentarem por meio da agricultura, do extrativismo ou por meio de outras maneiras de garantir o seu alimento através do trabalho na terra.

É nesse viés de coletividade que os povos do campo trabalham e desenvolvem os seus saberes tradicionais, passando todos os seus conhecimentos adiante. Ou seja, a educação “própria” para os habitantes do campo tem o propósito de valorizar o conhecimento popular, respeitar o território camponês, buscando trazer os saberes e as experiências das comunidades camponesas para dentro das instituições.

Diante disso, o cultivo da mandioca e a produção da farinha na comunidade do Prata (Monte Alegre de Goiás) podem ser vistos como uma temática de relevância para a educação do campo, pois estas práticas fazem parte da tradição e dos saberes dos povos do campo ou de modo mais específico das atividades da agricultura familiar.

2.2 Etnociência

Assim como a educação do campo, outro campo teórico que fundamenta este trabalho é a etnociência. De acordo com Diegues (2000, p. 37), a etnociência “[...] parte da linguística para estudar os saberes das populações humanas sobre os processos naturais, tentando descobrir a lógica subjacente ao conhecimento humano do mundo natural [...]”.

[...] conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração. Para muitas dessas sociedades, sobretudo para as indígenas, existe uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social. Nesse sentido, para estas, não existe uma classificação dualista, uma linha divisória rígida entre o “natural” e o “social” mas sim um *continuum* entre ambos. (DIEGUES, 2000, p. 30).

A etnociência se constitui como um campo de conhecimento multidisciplinar, reunindo informações sobre diversos saberes, valorizando e respeitando a cultura ao seu redor (incluindo os povos tradicionais), por isso consideramos importante o seu diálogo com a educação do campo.

Segundo Diegues (2000), as etnociências têm ganhado cada vez mais espaço em diferentes campos científicos, possibilitando uma melhor compreensão das realidades, conhecimentos e práticas tradicionais, contribuindo no resgate, reconhecimento e valorização destes saberes e de quem os produzem.

Nesse sentido, buscamos registrar os saberes tradicionais e os significados que se encontram no cultivo da mandioca e produção da farinha na comunidade do Prata (Monte Alegre de Goiás), levando em consideração o próprio modo como as pessoas envolvidas nesse processo se percebem diante das necessidades no meio ambiente a sua volta.

A etnociência volta-se para os diversos aspectos de classificação dos saberes, na tentativa do entendimento das práticas diárias que integram a vida dos povos do campo, a maneira como se organizam no território em que estão agrupados há vários anos, transmitindo os saberes oralmente.

Desse modo, a educação idealizada pelos movimentos sociais do campo não parte ou é construída do zero, nem deve ser uma adaptação da educação urbana, pois é possível pensar uma prática pedagógica ou ações educativas e organizacionais que valorizem os saberes tradicionais e a história da educação própria dos territórios camponeses.

Há, indiscutivelmente, distintos níveis de conhecimento etnobiológico de acordo com o meio em que o grupo social envolvido se insere: urbano ou rural, sendo as representações simbólicas mais ricas em comunidades rurais, especialmente se estiverem inseridas no contexto de populações tradicionais ou indígenas. Mas indiferente desse contexto, sempre haverá algum etnoconhecimento sobre a natureza, que pode ser acessado como canal de ensino [...]. (COSTA, 2008, p. 167).

Nesse contexto, é preciso que haja a valorização desses saberes nas comunidades, trazendo assim mais confiança para os membros mais experientes de modo a repassá-los adiante, mesmo se deparando com algumas dificuldades encontradas, pois o cuidado com esses saberes é essencial para o ciclo de continuidade das novas gerações.

Vivemos em um país que, devido à sua própria história, apresenta uma diversidade enorme de crenças, culturas e formas de expressão, o que torna cada comunidade única, com características próprias. Acreditamos que essas especificidades precisam ser consideradas na prática educacional, local que deve, portanto, valorizar e resgatar os saberes vindos da sociedade e que os estudantes trazem consigo, fruto de sua vivência (XAVIER; FLÔR, 2015, p.310).

Isso quer dizer que cada comunidade do campo possui uma forma de construir seus saberes, de realizar suas práticas e seus manejos ainda que se perceba uma aproximação dos modos de vida rural. Sobre isso, podemos dizer que as aprendizagens são adquiridas pelas experiências vividas, pelas observações no meio em que estamos inseridos e pelo compartilhar das tradições através da cultura oral.

O campesinato, enquanto unidade da diversidade camponesa, se constitui num sujeito social cujo movimento histórico se caracteriza por modos de ser e de viver que lhe são próprios, não se caracterizando como capitalistas ainda, que inseridos na economia capitalista (CARVALHO, 2005, p. 171).

Mas há diversos tipos de conhecimentos de acordo com o agrupamento social ou o território em que os povos estão envolvidos ou inseridos, seja no meio urbano ou no meio rural. Por isso, é de suma importância respeitar todos os saberes de cada grupo ou comunidade.

As diferentes populações humanas apresentam um arsenal de conhecimentos sobre o ambiente que as cerca. Propriedades terapêuticas e medicinais de animais e plantas, a percepção dos fenômenos naturais, como as estações do ano, tempo para plantar e colher, classificação de animais e plantas, organização de calendários, dicionários, sazonalidade de animais e sua relação com aspectos da natureza são organizações que formam um cabedal de saberes que comumente são chamados de conhecimentos tradicionais. (BASTOS 2013, p. 6195).

Nesse sentido, a educação do campo busca, a todo custo, a valorização e o reconhecimento dos diversos saberes pertencentes aos povos do campo. Assim, essa temática permanece como uma demanda das articulações dos movimentos sociais do campo, que permanecem na luta pelo respeito à cultura e aos saberes populares.

Essa afirmação da identidade social camponesa concorre para a construção da sua autonomia como sujeito social e para a sua prática social como classe, seja no âmbito das lutas de resistências social contra a sua exploração pelas distintas frações dos capitais, seja no âmbito daquelas em que defende e afirma a sua cultura e a seu modo de fazer agricultura e de viver (CARVALHO; COSTA, 2012, p. 33).

Assim, as experiências são passadas de geração para a geração através da coletividade, que envolve todo um sistema de comunicação entre os vários membros da comunidade, que mantêm vivos os reais sentidos de seus saberes e suas tradições.

A partir do que foi exposto, observamos a importância dos saberes tradicionais para o coletivo, para as famílias e, principalmente, para a valorização e o reconhecimento dos anciãos, pessoas que têm uma longa trajetória de vida no trabalho do campo.

Para fins desta monografia, veremos adiante as experiências dos agricultores do

Distrito Prata, que trabalham no plantio da mandioca em seus quintais ou em áreas mais amplas, cultivando cerca de seis variedades da planta. Estes agricultores trocam as “espécies” (variedades de mandioca) a fim de identificar as que melhor se adaptam ao ambiente da região e atendem às suas necessidades de produção da farinha e alimentação.

No artigo *Variabilidade genética e melhoramento da mandioca*, Fukuda et al. (1999, p. 2) descrevem, com base no levantamento bibliográfico, a grande variedade de mandioca presentes no Brasil e na América do Sul (vejamos abaixo):

- Existem, aproximadamente, 8500 acessos de mandioca no mundo, dos quais 7500 são mantidos na América do Sul.
- No Brasil, considerado o provável centro de origem e diversificação da espécie cultivada, já foram catalogados cerca de 4132 acessos, os quais se encontram mantidos em coleções de trabalho e bancos ativos de germoplasma distribuídos em todo o país.
- Análises filogenéticas do gênero *Manihot*, baseados em marcadores moleculares, indicaram que a mandioca originou-se na América do Sul, mais precisamente na região Nordeste do Brasil.

Dessa forma, destacamos novamente a relevância desse estudo, tendo em vista o levantamento e o registro das variedades de mandioca cultivadas pela comunidade do Prata. Além disso, as formas diversificadas empregadas no manejo e a própria produção da farinha, elementos dessa tradição da região.

Assim, no capítulo que trata da análise, veremos o manejo que integra o cultivo da mandioca, a época do plantio, as etapas da produção da farinha, os membros da família que participam do processo, suas atribuições etc.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem metodológica desta pesquisa possui caráter qualitativo. A definição pela abordagem qualitativa foi justamente por esta possibilitar o contato do pesquisador com sua própria realidade em campo (etnografia), a geração de dados por meio das observações, entrevistas, registro fotográfico, etc.

A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no micros social, olhado com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa. Utiliza-se do *método etnográfico*, descritivo por excelência. (SEVERINO, 2007, p. 120).

Buscamos por meio das vivências na comunidade sistematizar as informações/dados levantadas em campo, tendo como foco os saberes relativos ao cultivo da mandioca e a produção da farinha na comunidade do Prata (Monte Alegre de Goiás).

Na *pesquisa de campo*, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos [...], que são mais descritivos, até estudos mais analíticos. (SEVERINO, 2007, p. 123).

O estudo de base qualitativa também contou com o amparo da pesquisa bibliográfica a partir do fichamento dos autores da educação do campo e das etnociências apresentados no capítulo anterior. Os materiais científicos pesquisados (livros, artigos, tese etc.) foram empregados na construção da fundamentação teórica do trabalho.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 123).

Dessa forma descrevemos a seguir outro procedimento metodológico desta pesquisa que auxiliou na estruturação e compreensão das vivências em campo, a entrevista: “Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado”. (SEVERINO, 2007, p. 124).

A fim de responder aos questionamentos levantados na problematização, foram realizadas entrevistas de caráter não-diretivo com a intenção de ampliar a compreensão sobre

os saberes dos agricultores responsáveis pelo cultivo da mandioca e a produção da farinha. Embora tenha sido utilizado o roteiro com as perguntas previamente elaboradas, o pesquisador deixou os colaboradores livres para narrar suas experiências e opiniões ao longo da interação comunicativa. O registro foi feito por meio de anotações em caderno de campo.

Por meio delas [entrevistas não-diretivas], colhem-se informações dos sujeitos a partir do discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimento suas representações. (SEVERINO, 2007, p. 125).

A escolha deste procedimento se adequou aos propósitos da pesquisa, pois ao mesmo momento em que possibilitou o registro das informações a respeito do tema de estudo, também permitiu ao pesquisador interagir com os membros de sua própria comunidade.

Para a construção da pesquisa, foram entrevistadas 6 (seis) pessoas, sendo 4 (quatro) moradores do Distrito Prata e 2 (dois) da Fazenda Fortuna, localizada a dois quilômetros da comunidade. As entrevistas concedidas foram feitas mediante autorização dos participantes (termo de consentimento).

Com vistas a preservar a identidade dos colaboradores da pesquisa, foram utilizadas letras do alfabeto (escritas em maiúsculo) para se referir a cada um deles. Alguns colaboradores tiveram os nomes identificados, tendo em vista que são considerados pela própria comunidade “conhecedores” (mestres) em relação aos conhecimentos do cultivo da mandioca e produção da farinha. Isso foi realizado como uma forma de valorizar e reconhecer os saberes desses integrantes da comunidade.

- O entrevistado (A) tem 46 anos, mora no Distrito Prata, tem como formação básica o ensino médio completo.
- O entrevistado (B) tem 40 anos, morador do Distrito Prata e cursou apenas o ensino fundamental.
- A entrevistada (C) tem 35 anos, moradora do Distrito Prata. É uma profissional formada em pedagogia, mas antes trabalhava na agricultura com os seus pais. (Concedeu a entrevista, mas não houve o acompanhamento de sua roça plantada, pois nesse período da pesquisa ela não fez o cultivo da mandioca).
 - O entrevistado José Valdo tem 73 anos, morador da Fazenda Fortuna. Não tem escolaridade nenhuma.
 - O entrevistado Marinho (Marinho José de Souza) tem 67 anos, morador da

Fazenda Fortuna. Embora não tenha escolaridade, é considerado pela comunidade como um sábio das palavras.

- O entrevistado Arlindo Cardoso da Silva (Seu Arlindo) tem 88 anos e permanece no ofício da agricultura.

A escolha desses colaboradores para o embasamento da pesquisa é justificada em decorrência do nível de conhecimento sobre o cultivo da mandioca e produção da farinha, sendo estes agricultores. Além disso, são moradores que nasceram nessa região e permanecem até hoje.

Vale ressaltar que o Distrito Prata está localizado a uma distância de 22 quilômetros de Monte Alegre de Goiás (região do nordeste goiano a cerca de 400 quilômetros de Brasília). Com base no relato dos primeiros moradores da localidade – senhor Arlindo (citado anteriormente) e senhor Abílio Antônio da Cunha (92 anos) –, o povoado foi fundado em meados do ano de 1934, sendo que em 1949 foi construído o primeiro colégio. Nesta época existiam umas dez casas na região. Hoje o distrito tem aproximadamente 620 moradores.

4 ANÁLISE

4.1 Plantio da mandioca

A coleta de dados dessa pesquisa foi realizada por meio de entrevistas, conforme descrito no capítulo referente aos procedimentos metodológicos. Durante as entrevistas procuramos, além de compreender a visão dos entrevistados sobre o assunto, valorizar sua fala, respeitar as variações linguísticas, manter a interação social, reconhecer a participação ativa, a expressividade e os conhecimentos dos colaboradores.

Quadro 1 - Informações sobre o plantio da mandioca em roça ou em quintais das famílias (colaboradores).

Localização da roça	Área ou extensão plantada	Responsáveis pelo plantio
Fazenda Fortuna	01 (uma) roça – 30x30 (metros)	José Valdo, sua esposa e conta com ajuda dos filhos na colheita.
Fazenda Fortuna	02 (duas) roças – 60x60 (metros)	Senhor Marinho, sua esposa e contou com a ajuda dos filhos mais próximos.
Distrito Prata	1/2 (meia) tarefa ou 1/2 (meia) roça – 15x15 (metros)	Senhor Arlindo.
Distrito Prata	2 (dois) lotes de 12x30 (metros)	Entrevistado B, esposa e duas filhas.
Fazenda Fortuna (morador do Distrito Prata)	01 (uma) roça – 30x30 (metros)	Entrevistado A, esposa e dois filhos.

Fonte: Registro do pesquisador, 2022.

A comunidade do Distrito Prata mantém viva a prática do plantio da mandioca, tanto na roça ou em seus quintais. Assim, os produtores da região extraem da mãe terra os recursos alimentares essenciais para a sua subsistência, conforme descrito no quadro acima.

Outro aspecto considerado na pesquisa são as informações a respeito das características e variedades (nome atribuído à planta) de mandiocas plantadas na região: para comer cozida (tipo mansa); para a produção da farinha (tipo brava). Esses dados são oriundos das entrevistas com os colaboradores.

Quadro 2 – Síntese das características/variedades de mandioca produzidas no Distrito Prata

Variedade	Tipo	Resistência à doença (podridão)	Cor do Caule	Cor da película da raiz	Cor da polpa
Preta	<i>brava</i>	sim	preto	avermelhada	branca
Doidona	<i>brava</i>	sim	branco	marrom claro	branca
Aparecida	<i>mansa</i>	não	meio roxo	marrom escuro	branca
Amarelinha	<i>mansa</i>	não	amarelo claro	marrom claro	amarela
Ipimané	<i>mansa</i>	não	branco	branca	branca
Mandioca de todos os tempos	<i>mansa</i>	sim	preto	marrom escuro	branca

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2022.

Vejamos a seguir o detalhamento desses dados, que tiveram como base a seguinte questão da entrevista: Quais as características e variedades de mandioca mais produzidas na região? E como o/a senhor/a diferencia a mansa da brava?

Entrevistado A: *A gente planta mais aqui é a mandioca preta chamada brava, porque rende mais na produção da farinha e no polvilho, mas plantamos as chamadas mansas também, como por exemplo, a ipimané e a aparecida.*

Entrevistado B: *Aqui na região a mandioca mais popular para comer cozida é a aparecida, mas a que dá mais renda na produção da farinha é a mandioca preta. Ela é chamada de preta, pois o seu caule é todo preto e a casca avermelhada, por isso deram esse nome.*

Entrevistada C: *Eu via meus pais falando muito na mandioca aparecida e ipimané, que são as boas para comer cozida e as bravas como a mandioca preta e a doidona que tinha uma rentabilidade mais na produção da farinha.*

Entrevistado José Valdo: *Meu filho na época que produzíamos muita farinha, nós plantávamos todas as variedades que conhecíamos e as que os vizinhos davam para a gente. Mas as variedades mais conhecidas na época era a mandioca aparecida, ipimané e a amarelinha que são as mansas. As bravas são a doidona e a preta, que até hoje são as mais plantadas para a produção, porque a farinha das mandiocas bravas tem um sabor melhor, como por exemplo da preta, devido ela ter mais amido de polvilho, assim proporcionando uma farinha bem branquinha e tendo um peso melhor por ser uma massa mais enxuta por causa da grande quantidade de polvilho. O meu conhecimento entre a mansa e a brava é através das ramas, folhas, as galhadas das ramas e as cores de algumas mandiocas já conhecidas há muito tempo.*

Entrevistado Marinho: *Eu conheço 6 (seis) tipos de mandioca mais produzida aqui na região, que são elas: a ipimané, aparecida, amarelinha e a de todos os tempos, essa é chamada desse nome pois toda época ela amolece, essas são as mansas. As bravas são a preta e a doidona, que são ótimas para a produção tanto da farinha como para tirar o polvilho. O conhecimento das mandiocas mansas para as bravas eu tenho algumas formas para conhecer, só que, quem não tem o traquejo da roça não entende o modo de conhecer apenas no olhar. A mandioca aparecida é bem galhada a sua rama, o tronco é meio roxo e o talo da folha vermelho. A ipimané tem a rama um pouco branca e o talo também é avermelhado. A doidona tem a rama toda branca e não dá galho no seu tronco. A preta, o tronco é todo preto com as folhas finas. A de todos os tempos é uma mandioca que também tem o tronco preto, mas é bem galhada.*

É possível observar que o conhecimento sobre os tipos e as características de cada planta é fruto da experiência na roça, ou seja, a interação no meio ambiente (na natureza). A distinção das cores e formato das folhas, ramas, casca etc., assim como o tipo de polpa mais apropriado para a produção da farinha ou quais mandiocas podem ser consumidas cozidas, tudo isso revela a importância desses saberes para a manutenção das necessidades básicas da própria comunidade.

A percepção de cada detalhe das características das plantas não se trata simplesmente de uma mera estratégia para se distinguir cada uma delas, na verdade, revela um profundo conhecimento das propriedades de cada planta – em associação com o conhecimento de seu meio ambiente como

um todo –, o que possibilita, além da identificação e nomeação, o uso e a classificação. (ARAÚJO, 2014, p. 105).

Outro ponto de destaque é a descrição ou a caracterização das variedades de mandioca por parte dos mais experientes. Apesar dos três primeiros demonstrarem o conhecimento das características, é notório o grau de detalhamento por parte dos mais idosos ao explicar os nomes e as características de cada tipo de mandioca. Por isso, estes membros são considerados pela comunidade como os “mais sabedores”, isto é, os etnoespecialistas. O uso desse termo é explicado por Araújo (2014):

Utilizamos o termo "etnoespecialista" (COSTA N., 2013; COSTA e GOMES, 2013) para nos referir aos colaboradores com profundo conhecimento etnobotânico. Dessa maneira, optamos por tornar visível, manter o nome destes, como forma de colocá-los no mesmo patamar dos especialistas das ciências da academia. [...] De acordo com Posey (1997), os informantes (uso do termo pelo autor) devem ser tratados com o mesmo respeito que dispensamos aos especialistas de nossas culturas, pois eles podem ser especialistas de uma determinada área de conhecimento dentro de sua própria cultura. (ARAÚJO, 2014, p. 43).

Estas variedades de mandiocas presentes no Distrito Prata revelam também a diversidade ecológica existente na região, assim como os tipos que são considerados melhor adaptados para o cultivo pelos produtores da comunidade. Dentre elas, a que mais se destaca é a mandioca preta, por ser considerada uma excelente mandioca para a produção tanto da farinha quanto do polvilho.

A respeito do plantio, este tem de ser realizado no início da época chuvosa, porém é necessário observar a umidade do terreno primeiramente, pois o solo não pode estar encharcado para evitar a podridão das raízes. A técnica do plantio mais utilizado é na horizontal, com as manivas todas na mesma direção. A forma de cultivo é, geralmente, solteiro: somente a mandioca plantada. O espaçamento indicado entre linhas é de 1,0 m (metro) e entre plantas é de 0,5 m a 1,0 m (metro).

Figura 1 – Roça de mandioca do senhor Arlindo



Fonte: Registro do pesquisador, 2022.

Observamos que esse tipo de manejo é semelhante ao que é utilizado e, até mesmo divulgado, pela academia, conforme consta no site da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), o que reforça a validade e a relevância dos saberes tradicionais:

As manivas-semente, estacas ou rebolos podem ser plantadas em três posições: vertical, inclinada ou horizontal. A maneira mais adotada é a horizontal, porque facilita a colheita das raízes por apresentar um desenvolvimento superficial, colocando-se as manivas no fundo das covas ou dos sulcos. Quando se usa a plantadeira mecanizada, as manivas também são colocadas na posição horizontal. Enquanto posições inclinada e vertical são menos difundidas porque as raízes aprofundam mais, dificultando a colheita. (GOMES; LEAL, 2003, s/p).

Caso seja misturada com outra cultura, como exemplo, o feijão, o espaçamento entre linhas pode chegar a 2 metros e entre plantas mantém-se de 0,5 a 1,0 metro. As covas devem ter uma largura de 25 cm x 5 cm ou 10 cm (centímetros) de profundidade.

Amplamente utilizado pelos pequenos produtores das regiões tropicais, o cultivo consorciado apresenta, sobre o monocultivo, as vantagens de promover garantia de uma maior estabilidade de produção, melhor utilização da terra, melhor utilização da força de trabalho, maior eficiência no controle de ervas daninhas e disponibilidade de mais de uma fonte alimentar. (GOMES; LEAL, 2003, s/p).

A descrição do manejo do cultivo da mandioca teve como base a observação e a vivência em campo, assim como o próprio conhecimento do pesquisador, que também recebeu de seus pais esses saberes durante a lida na roça. Esse tipo de manejo continua a ser

empregado pelos mais experientes e sendo repassado para os mais jovens, geralmente os filhos, que participam das tarefas no campo.

Figura 2 – Trabalho em família



Fonte: Registro do pesquisador, 2022.

Vejamos como isso pode ser comprovado por meio de outra pergunta feita durante as entrevistas realizadas na pesquisa de campo: O senhor ou a senhora vivenciou o manejo e a prática dessa cultura de saberes? Ainda tem contato com esse trabalho?

Entrevistado A: *Meus avós eram baianos e a principal cultura que eles trabalhavam e tinham propriedade de saberes profundos era sobre o cultivo da mandioca e a produção da farinha. Saberes esses que foram passando de geração para a geração, ou seja, de pai para filho e netos, desde a plantação até a produção final. Aprendi que para ter uma roça de mandioca, primeiramente, tem que escolher terra boa para fazer a plantação, segundo ter uma ótima rama para plantar e estar sempre fazendo o manejo da limpeza.*

Entrevistado B: *Isso tudo aprendi ao lado dos meus pais e irmãos.*

Entrevistado José Valdo: *Minha experiência na roça trabalhando no plantio da mandioca é desde dos meus 12 anos de idade. Eu já fazia quase tudo e, ainda com 73 anos continuo no traquejo da agricultura.*

Entrevistado Marinho: *Desde dos 13 anos eu comecei a trabalhar na agricultura ao lado dos meus pais e, ainda trabalho, pois a minha experiência sempre esteve no serviço braçal.*

Outro importante procedimento adotado pelos agricultores do Distrito Prata é levarem em consideração as fases da lua. Segundo o colaborador José Valdo, a melhor época para o plantio é a lua nova.

Entrevistado José Valdo: *Para ter uma produção de mandioca com qualidade desde o seu início do plantio até chegar na época da colheita tendo uma ótima produção, tem que plantar a mandioca três dias depois da nova e se passar da nova não tendo plantado, tem que esperar chegar o minguante para fazer o plantio, assim você terá uma planta sólida e com boa produção no final da colheita.*

Observamos, então, um aspecto importante da vida e das experiências desses sujeitos do campo, como é o caso do senhor José Valdo, que é a forte interação e respeito aos ciclos da natureza na realização de seu trabalho.

Nesse contexto, percebe-se que os entrevistados tiveram em primeira mão os ensinamentos a partir da convivência no dia a dia com seus pais (ou familiares) na roça. Assim, aprenderam a cultivar a mandioca até a produção da farinha, conhecendo ou mantendo o ofício até hoje.

No caso da entrevistada C, ela afirma que não aprendeu a torra da farinha, pois além de ser um serviço muito pesado, dedicou-se aos estudos e hoje é profissional da educação, sendo formada em pedagogia.

O entrevistado B tem domínio do manejo, mas não tem se dedicado ao cultivo da mandioca e à produção da farinha como fonte de renda, pois também tem outra profissão. O plantio e produção é para consumo próprio/da família.

Entrevistada C: *A descascar, lavar, ralar, imprensar, peneirar a massa quando está seca, bem como retirar o amido ou a tapioca do qual é muito apreciado para fazer beiju, bolos e mingaus. Só não aprendi o processo da torração, pois é um serviço muito pesado para o sexo feminino. Hoje eu não tenho mais contato com essa prática de agricultura, sou formada em pedagogia, busquei novos conhecimentos.*

Entrevistado B: *Não trabalho mais com essa cultura, pois aprendi outra profissão e tenho uma renda melhor; além de que aqui na região os donos das terras estão investindo mais é na criação de gados.*

De qualquer forma, observamos a persistência e a resistência desses agricultores que, mesmo em idade avançada, ainda continuam no traquejo da agricultura. Como afirma Godoy (2010, p.2), “os agricultores que permaneceram no campo lutam para conseguir produzir e manter a qualidade de vida da sua família e o seu bem-estar”.

Cabe ponderar que há desistência pelo caminho, ou seja, podemos observar nos relatos que houve limitação na continuidade ou impossibilidade de seguir nesse trabalho por parte de alguns envolvidos. Isso demonstra que a resistência do trabalho no campo passa por contratempos. Os profissionais mais velhos vão aos poucos tendo o seu trabalho limitado por causa das condições físicas, outros morrendo e os mais jovens têm buscado emprego nos grandes centros urbanos.

Isso mostra a luta das populações tradicionais ou povos do campo pela manutenção de seus saberes e sustento (maior equilíbrio entre o trabalho e a rentabilidade na produção), pois o trabalho envolve a participação de praticamente todos os membros da família na agricultura, evidenciando a necessidade de atuação do poder público, em todos os sentidos, na promoção de melhorias sociais e econômicas para essas famílias.

4.2 Produção da farinha

Nas casas de farinha, a coragem e inteligência da mulher do campo representa a principal força de trabalho. São as mulheres (e muitas vezes as crianças) as principais responsáveis pelo descascamento da mandioca, a extração do polvilho e a produção dos beijus. A extração da mandioca na roça, a ralação, prensagem e torração são atividades, em grande parte, realizadas pelos homens, uma vez que exige maior esforço físico (mas há mulheres que também realizam tais tarefas).

Entrevistado A: *Na produção aprendi a rancar, raspar, relar, imprensa, cessar e torrar. Vivenciei a ralação da mandioca que era ralada na força do homem rodando uma roda feita por profissionais, pessoas simples da época, a massa era seca em tipiti feito pelo ser humano. Hoje em dia ainda trabalho com essa cultura, mas não como era alguns anos atrás, onde praticamente quase todos os pequenos produtores da região passava o período da seca entre junho até o final de agosto produzindo farinha.*

Depois de descascada, a mandioca passa por um dos instrumentos chamados de roda ou ralador de mandioca manual. Podemos dizer passava, pois essa era uma das formas mais simples que os pequenos produtores tinham há uns vinte anos na produção de farinha. Esse instrumento exige a participação de quatro trabalhadores: dois para girar a roda, um para servir a mandioca ao ralador e um encarregado para fazer o manejo da mandioca no ralador. Vale lembrar que a roda é acoplada a um reio direcionado ao ralador, fazendo todo o processo de funcionamento na ralação. Atualmente, os produtores têm utilizado um ralador a motor elétrico.

A seguir temos um instrumento conhecido na região como tipiti. É um cesto trançado com fibras de jacitara ou taquara que pode ter várias formas e tamanhos (nesse caso, é um tipo de cilindro). O tipiti serve para extrair o líquido da mandioca e com isso a massa seca resulta no processo de transformação da farinha. É um artefato utilizado até hoje na secagem da massa de mandioca para a produção da farinha pelos povos tradicionais.

Figura 3 – Tipiti



Fonte: Registro do pesquisador, 2022.

A utilização desse instrumento exige a técnica com as mãos no armazenamento da massa, fazendo com que caiba o máximo possível de massa bruta no tipiti. Ao ficar completamente cheio de massa, a secagem é feita manualmente, esticando as suas duas extremas, usando a força através de pesos em uma das pontas. Essa é uma ferramenta de tecnologia secular dos povos tradicionais, mas que vem sendo substituída por outro artefato chamado de prensa, exclusivamente utilizado para uma secagem em maior escala da massa, como é visto na imagem abaixo.

Figura 4 – Prensa



Fonte: Registro do pesquisador, 2022.

Esse instrumento ou artesanato, chamado de prensa, é feito de tabuas de madeira e tem nas suas extremas (ou extremidades) pequenos buracos para que o líquido escoe. Possui o mesmo objetivo do tipiti, porém, devido ao tamanho, abriga um volume maior de massa.

A prensa também é produzida pelas mãos sábias dos agricultores, na qual o armazenamento da massa é colocado por camadas, que são separadas por um simples pano para que haja uma secagem completamente igual entre elas.

A sua forma de manejo para a secagem é específica de cada produtor, pois uns usam um “macaco hidráulico” com um ponteiro de madeira e uma base de escoramento acima. Outros usam a forma mais simples, que é um tronco de coqueiro em posição horizontal atrelado a um cabo de aço na sua ponta. Os dois tipos têm a mesma forma de manejo na prensagem, ou seja, no aperto para a secagem da massa.

Após todo esse processo para o beneficiamento da massa, o resultado é visto na imagem abaixo.

Figura 5 – Massa seca da mandioca



Fonte: Registro do pesquisador, 2022,

Esta imagem revela que, após todo o processamento da massa na prensa ou no tipiti, o resultado é esse, uma massa seca, cessada na peneira e pronta para ir ao forno, que também pode ser usada para fazer o beiju e o bolo.

Nesse ponto, a massa está pronta para começar a ser trabalhada, levando em consideração a habilidade do profissional torrador. Esta passa então pelo forno, formado por uma base de tijolo que sustenta uma laje de pedra (atualmente alguns utilizam no lugar da laje

uma cobertura de zinco) que recebe o calor da lenha queimada. Ou seja, nesse momento, o profissional tem de usar toda sua experiência e saberes adquiridos com o passar do tempo, pois essa é a última etapa antes do produto (a farinha) chegar aos pratos das diversas famílias.

Figura 6 – Torração da farinha



Fonte: Registro do pesquisador, 2022.

O processo da torração define a qualidade e o sabor da farinha que, de acordo com os gostos de cada região, pode ser mais fina ou mais grossa. O teor do tipo de farinha depende muito da habilidade do profissional farinheiro, no controle do fogo, no andamento da torração, na técnica usada pelo torrador de mexer a farinha e a reposição da massa para o cozimento.

Além disso, se o torrador torrar a farinha além do previsto, esta ganha um tom avermelhado. Se ficar muito tempo no forno ou com um grau de temperatura abaixo do padrão necessário, a massa em vez de cozinhar, seca, porém não torra, com isso a farinha não tem o sabor que lhe é conveniente.

Observamos que cada etapa do processo influencia na qualidade e no sabor, na densidade de cada tipo, que altera substancialmente pela granulação da farinha, pela qualidade do polvilho ou fécula e a forma de secagem na torração. Isto é, do plantio até a produção da farinha, cada momento evidencia os conhecimentos especializados da comunidade, a divisão de tarefas e a cooperação dos participantes e como tudo isso compõe os saberes e fazeres do campo.

4.3 Mudanças em curso

No terceiro tópico da análise, abordamos a seguinte questão com o intuito de compreender o que se mantém e as mudanças que estão ocorrendo no cultivo da mandioca e produção da farinha na comunidade do Prata. Em suas experiências e histórias vividas no cultivo da mandioca: o que permanece e o que mudou nos dias de hoje?

De acordo com o colaborador José Valdo, a produção da farinha antigamente era a principal atividade para se adquirir o alimento, ou seja, o sustento da família, mas que essa fonte de renda vem diminuindo e sendo substituída por outras formas de produção ao longo dos anos.

Entrevistado José Valdo: *Tinha uma grande fartura mesmo não tendo facilidade para produzir, pois era tudo mais difícil nessa época, mas o que produzia era vendido tudo ou trocado por outros alimentos. Hoje tudo mudou, as coisas ficaram mais fácil para produzirmos em termo de mecanização, contudo não temos a produtividade de antes e nem a facilidade para vender ou trocar nosso produto.*

O senhor Marinho diz que nessa época (uns trinta anos atrás) o trabalho era feito manualmente, desde a roça até a produção final no barracão. Ressalta que havia fartura na produção e a farinha era toda vendida.

Entrevistado Marinho: *[...] era vendável, trocávamos também por outros alimentos ou peças de roupas para a família, assim nossa produção era consumida. Hoje temos quase todos os maquinários, tanto para o trabalho no plantio da mandioca ou para a fabricação da farinha, mas a produção não tem a mesma produtividade e nem o mesmo consumo de antes, assim tornando mais difícil produzir nos dias de hoje. Mas mesmo com essas demandas, produzimos o suficiente para a nossa alimentação e para vendermos quando aparece alguém querendo comprar.*

Outra pergunta relacionada a esse tópico das mudanças no processo de cultivo e produção, e feita justamente por causa da percepção do pesquisador na vivência como membro da comunidade e nas respostas dos colaboradores, é o porquê dessa cultura da produção da farinha, com o passar dos anos, estar diminuindo na região?

Entrevistado A: *O motivo dessa diminuição é por causa da propagação de doença na*

plantação e com isso os produtores foram diminuindo com a plantação, investindo mais na criação de animais, como por exemplo, o gado que proporciona uma rentabilidade melhor na renda familiar.

Entrevistado B: Isso está acontecendo devido à falta de terra para os produtores, pois antes a maioria plantavam nas terras dos fazendeiros, hoje esses grandes proprietários usam a sua terra só para a criação de gado.

Entrevistada C: Vejo que isso está acontecendo porque os tempos estão mudando com a modernização e os pequenos não acompanham esse desenvolvimento, além das grandes indústrias e a pecuária está ocupando todo o espaço desses povos.

Entrevistado José Valdo: Meu filho isso é por causa das doenças na lavoura e o enfraquecimento dos produtores devido à idade, e hoje são poucas gentes que planta, pois as terras foram aos poucos invadidas pelas criações de animais.

Entrevistado Marinho: quando meus pais eram vivos, eles me falavam que iria chegar uma época que muitas coisas nos íamos vê acontecendo na terra. Hoje estamos observando as transformações provocada no planeta terra, como poluição dos rios, destruição das matas, tudo isso traz consequência para a diminuição dessa produção do cultivo da mandioca. Além de todas essas transformações no planeta, as grandes indústrias com as plantações de soja e milho e a agropecuária com a criação do gado, que ocuparam a maior parte das terras férteis própria para essa plantação.

Esses relatos mantêm relação com o que foi exposto na reportagem do Globo Rural do dia 19/12/2021, a diminuição desses saberes tem vários fatores, um deles é a previsão para a safra de mandioca no ano de 2023, que é desanimadora. Segundo a reportagem, a área plantada deve diminuir 7%. Já os produtores se apresentam mais pessimistas, pois acreditam que o impacto será bem maior, cerca de 30% a 40% de redução do plantio.

Na reportagem, foram destacados dois fatores principais para a redução na produção.

- Primeiramente, a situação climática por falta de chuva, que vem impactando muito a cultura da mandioca.
- O outro problema é a alta do dólar. A moeda americana valorizada puxa o preço do

produto que é exportado em grande escala, com isso a soja, o milho e a carne, conseqüentemente, aumentam o valor do arrendamento das terras, fazendo dar mais lucro no arrendamento das terras para a criação de gado, plantio de grãos do que da mandioca.

Todos esses fatores têm levado alguns produtores a desistirem do cultivo da mandioca e da produção da farinha, optando por outras culturas ou produtos. Percebemos também o avanço cada vez maior da monocultura de grãos e da agropecuária, inclusive em nosso território do nordeste goiano e sudeste tocantinense.

Configuraram-se assim as condições necessárias para a disseminação das monoculturas em substituição às agriculturas diversificadas, ajustadas às especificidades ecológicas locais, e os avanços posteriores nos campos da motomecanização e da genética agrícola. (PETERSEN, 2012, p. 43).

Não é nosso objetivo adentrar essa temática do processo de expansão do agronegócio no Brasil, muito menos desconsiderar a relevância das tecnologias para as populações do campo, mas não podemos deixar de ressaltar os impactos do modelo agroexportador para as comunidades tradicionais, principalmente, em relação aos impactos ambientais e nas culturas locais devido à globalização.

Em outra perspectiva, temos a agroecologia que leva em consideração o cuidado e a defesa da vida, priorizando a produção de alimentos e convidando toda a comunidade para o debate político e organizacional sobre o modelo de produção agrícola voltado estritamente para o mercado exportador.

A agroecologia, enquanto área do conhecimento e prática agrícola, nos remete ao estudo e ao conhecimento dos ecossistemas, priorizando no processo produtivo a sustentabilidade dos recursos naturais, assim como a busca por um modelo econômico mais justo e economicamente viável.

Em ambos os casos, a produção está vinculada a cosmovisões de mundo: assim, enquanto a Agroecologia se nutre dos saberes culturais dos povos, de valores tradicionais que vinculam o momento da produção com as funções simbólicas e o sentido cultural do metabolismo social com a natureza, a agricultura capitalista se funda na crença no mercado e na valorização da especialização tecnológica do processo e do crescimento sem limites, que vai desnaturalizando a natureza e a relação do homem com a terra. (LEFF, 2002, p. 43).

Nesse contexto, o campo se define como parte essencial da vida dos trabalhadores rurais, mas para o capitalismo é somente um espaço econômico de cultura do agronegócio.

Todavia, para os movimentos sociais e para os povos do campo, esse é um território de produção de saberes e de vivências.

Diante do exposto, ressaltamos novamente a importância da valorização e do reconhecimento dos saberes e práticas empregadas na agricultura pelos povos do campo. Vimos como essas famílias compartilham os seus conhecimentos e interagem com o meio ambiente ao seu redor. São pessoas que lutam e têm resistido, mesmo diante das dificuldades, para garantir o seu sustento do trabalho na terra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos mostrar os significados e valores que constituem os saberes tradicionais presentes no cultivo da mandioca e na produção da farinha no Distrito Prata (Monte Alegre de Goiás). Para além das etapas que compõem todo esse processo, nos preocupamos com o respeito aos colaboradores da pesquisa, buscamos dialogar e, principalmente, compartilhar as aprendizagens vivenciadas durante a pesquisa de campo.

Além disso, procuramos revelar o papel dos anciãos em suas famílias, tendo em vista que, mesmo com idade avançada, estes permanecem no trabalho (plantio da mandioca) em suas roças e na produção da farinha em suas casas. O modo de vida simples, mas repleto de saberes e práticas compartilhados por gerações.

Vale ressaltar que esse sistema de produção é um ciclo de cooperação cujos princípios são a história culturalmente preservada. Mesmo com o avanço tecnológico e a diminuição da prática de produção de forma artesanal, o cultivo e a produção nos moldes dos mais antigos permanecem na comunidade do Prata. Todos esses saberes tradicionais ainda estão presentes, cabendo a nós não deixar de lado, assumindo o compromisso preservar essa tradição por meio das vivências comunitárias.

Esperamos também que esse trabalho sirva de registro da realidade local e fonte de pesquisa para aqueles que tiverem interesse em conhecer um pouco mais sobre o plantio da mandioca e o manejo da produção de farinha nessa localidade.

Com base nesta pesquisa (eu como membro da comunidade e estudante da Licenciatura em Educação do Campo) pude também refletir sobre a minha trajetória de vida, a importância dos saberes que recebi de meus antepassados e a reconhecer minha identidade cultural como sujeito do campo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Gilberto Paulino de. **O conhecimento etnobotânico dos Kalunga**: uma relação entre língua e meio ambiente. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós- Graduação em Linguística, 2014.
- BASTOS, S.N.D. Etnociências na sala de aula: uma possibilidade para aprendizagem significativa. In: **Anais do II congresso nacional de educação e II seminário internacional de representações sociais, subjetividade e educação**: Curitiba: PUC. 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/10014_5318.pdf. Acesso em 13/08/2021.
- CALDART, Roseli Salette. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar. /Jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/z6LjzpG6H8ghXxbGtMsYG3f/abstract/?lang=pt>. Acesso em 03/03/2022.
- CALDART, Roseli Salette. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: **Por uma educação do campo**: identidade e políticas públicas. Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002, p. 25- 36.
- CARVALHO, M. (org.). **O campesinato no século XXI**: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CARVALHO, Horacio Martins de; COSTA, Francisco de Assis. Agricultura camponesa. In: CALDART, R. S.; et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 26-33.
- COSTA, Ronaldo Gonçalves de Andrade. Os saberes populares da etnociência no ensino das ciências naturais: uma proposta didática para aprendizagem significativa. **Revista Didática Sistemica**, ISSN 1809-3108, Volume 8, julho a dezembro de 2008, p.162-172. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1303/581>. Acesso em 25/09/2021.
- DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: MMA; São Paulo: USP, 2000. Disponível em: <https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/saberes%20trad.pdf>. Acesso em 25/04/2021.
- LEFF, Enrique. Agroecologia e Saber Ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, Jan.-Mar. 2002. Disponível em: https://www.projetovidanocampo.com.br/agroecologia/agroecologia_e_saber_ambiental.pdf. Acesso em 15/06/2022.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e territórios como categorias essenciais. In: MOLINA, M. (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 27-39. Disponível em: https://educanp.weebly.com/uploads/1/3/9/9/13997768/educacao_do_campo_e_pesquisa_-_questes_para_reflexo.pdf. Acesso em 23/03/2021.

FUKUDA, W. M. G.; et al. Variabilidade genética e melhoramento da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz). In: QUEIRÓZ, M. A. de; et. al. **Recursos Genéticos e Melhoramento de Plantas para o Nordeste Brasileiro**. Versão 1.0. Petrolina-PE: Embrapa Semi-Árido/Brasília-DF: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, nov. 1999.

Disponível em: [file:///C:/Users/usuario/Downloads/recursos-geneticos-e-melhoramento-de-plantas-para-o-nordeste-brasileiro%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/recursos-geneticos-e-melhoramento-de-plantas-para-o-nordeste-brasileiro%20(1).pdf). Acesso em 12/03/2022.

GLOBO RURAL. Edição de 19 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dgwg0KQ4KtQ>. Acesso em 20/01/2022.

GODOY, C. M. T.; et al. Juventude rural, envelhecimento e o papel da aposentadoria no meio rural: A realidade do município de Santa Rosa/RS. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 48. **Anais**. Campo Grande: Sober, 2010. Disponível em: <https://sober.org.br/anais/>. Acesso 07/04/2022.

GOMES, Jayme de Cerqueira; LEAL, Edna Castilho. Cultivo da Mandioca para a Região dos Tabuleiros Costeiros. Embrapa Mandioca e Fruticultura. Sistemas de Produção, 11, ISSN 1678-8796 Versão eletrônica, Jan/2003. Disponível em: https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Mandioca/mandioca_tabcosteiros/plantio.htm. Acesso em: 14/04/2022.

MICHELOTTI, Fernando. Educação do Campo: reflexões a partir da tríade Produção - Cidadania – Pesquisa. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos. (Org). **Por uma educação do campo: campo, políticas públicas e educação**. INCRA/MDA: Brasília, 2008.

MOLINA, M. C. Contribuições das Licenciaturas em Educação do Campo para as políticas de formação de educadores. **Educação & Sociedade**, 2017, 38(140), 587- 609. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302017000300587&lng=en&nrm=iso. Acesso: 14/04/2022.

PETERSEN, Paulo. Agriculturas alternativas. CALDART, R. S.; et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 42-48.

SANTOS, Ramofliy Bicalho dos (Org). **Experiência do Pet Educação do Campo e os movimentos sociais na UFRRJ**. UFRRJ/ JLS editor: Seropédica- RJ; 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev, e atual, - São Paulo: Cortez, 2007.

VIA CAMPESINA. Relatório do encontro. In: Encuentro continental de formadores y formadoras en agroecología. **I Anais...** Barinas, Venezuela: Instituto Agroecológico Latinoamericano Paulo Freire (IALA), agosto de 2009.

XAVIER, P. M. A.; FLÔR, C. C. C. Saberes Populares e Educação Científica: um olhar a partir da Literatura na Área de Ensino de Ciências. **Revista Ensaio**. v. 17, n. 2, 2015, p. 308- 328. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epec/v17n2/1983-2117-epec-17-02-00308.pdf>. Acesso em: 09/06/2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro da entrevista

Local da entrevista: Fazenda Fortuna / Distrito Prata

Data:

Horário:

Tema: Saberes tradicionais, o cultivo da mandioca e a produção da farinha no Distrito Prata

Município de Monte Alegre - Goiás.

1. Qual é o nome do senhor (ar)?
2. Quantos anos o senhor ou a senhora tem?
3. Qual é a sua experiência na agricultura familiar?
4. O senhor ou senhora vivenciou o manejo e a prática dessa cultura de saberes?
5. Ainda têm contato com esse trabalho?
6. Quais as características e variedades de mandioca mais produzidas na região?
7. Como os senhores diferenciam a brava da mansa?
8. Como era a produção da farinha antigamente e a diferença para os dias de hoje?
9. Essa cultura com o passar dos anos foi diminuindo na região? Por quê?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Solicito do/a senhor/a, _____, a colaboração com a presente pesquisa intitulada SABERES TRADICIONAIS PRESENTES NO CULTIVO DA MANDIOCA E PRODUÇÃO DA FARINHA

(DISTRITO PRATA - MONTE ALEGRE - GO), de responsabilidade de RONES JOSÉ DE SOUZA, **aluno/a de graduação** do curso **Licenciatura em Educação do Campo - Habilitação: Artes Visuais e Música**, da **Universidade Federal do Tocantins/Campus Arraias**, sob a orientação do **Professor GILBERTO PAULINO DE ARAÚJO**. O objetivo desta pesquisa é **descrever os saberes tradicionais presentes no cultivo da mandioca e produção da farinha, tendo como contexto a comunidade do Prata**. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com este estudo.

O/A senhor/a receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização do trabalho. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, resultantes das entrevistas, ficarão sob guarda da Universidade Federal do Tocantins/*Campus Arraias*.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas (semiestruturadas) e observação participante. É para estes procedimentos que o/s senhor/a está sendo convidado a participar/colaborar. Sua participação/colaboração na pesquisa não implica nenhum risco.

Nós garantimos que os resultados do estudo estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. O/A senhor/a é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se o/a senhor/a tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, poderá contatar a instituição a qual pertença como aluno/a de graduação - telefone **63 3653-3447**.

As informações com relação à assinatura deste documento (**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**) podem ser obtidas através do e-mail do orientador gilbertopaulino@uft.edu.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com os pesquisadores responsáveis pela pesquisa (orientador/e orientando/a) e a outra com o/a senhor/a.

Assinatura do/a
colaborador/a

Assinatura do
orientador

Assinatura do
orientando

Arraias - TO, _____ de _____ de 2021.